

Primeira escola de Brasília ameaça cair

“Aquilo é como se fosse um troféu deixado por JK, é igual uma igreja, não pode ser destruído”. A afirmação é feita em tom emocionado pelo primeiro guarda da Escola Sarah Kubistchek, Sebastião Ferreira da Silva, que se diz “um dos fundadores da polícia de Brasília, a antiga Guarda Especial de Brasília - a GEB”.

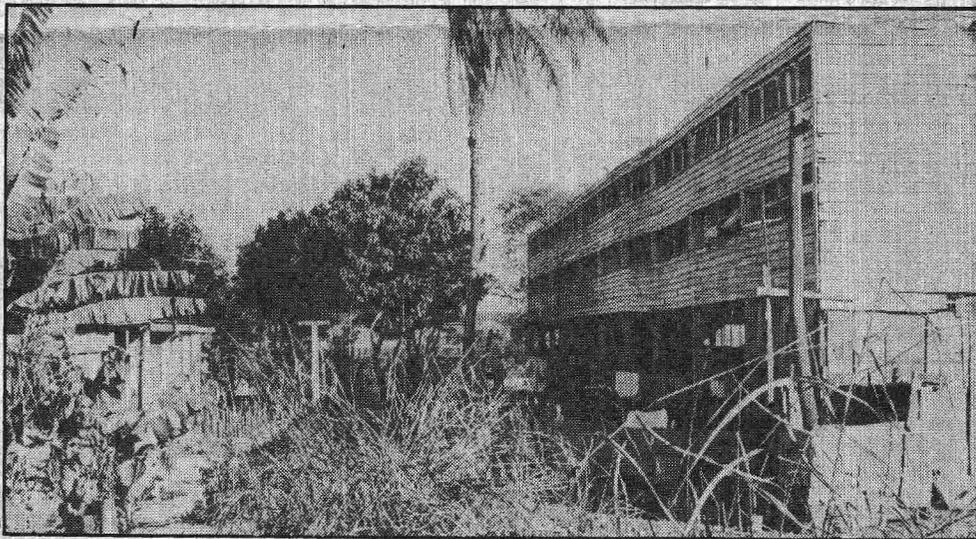
Morando na Velhacap desde 1957, Sebastião Ferreira diz que acha um crime a escola estar abandonada, “mais parecendo carniça”. Hoje habitada por oito famílias, o velho prédio de madeira corre constantemente o risco de incendiar-se ou mesmo desmoronar, ferindo ou matando parte dos seus ocupantes.

Para outro morador da Velhacap, Alfredo Lopes da Silva, funcionário público aposentado com 23 anos de serviço, “a escola é como o Catetinho, um lugar que tem que ser conservado”. Ele diz que ajudou na sua construção e que todos os seus filhos lá estudaram, “mais um motivo para que eu, particularmente, torça para a escola não ser destruída”.

Outro morador e pioneiro de Brasília, Sebastião Lemos Valentim, o Sabá, acha “que foi um erro a Fundação Zoobotânica permitir deixar que estas famílias morem ali”. Ele dá seu testemunho de que embora a construção estivesse bastante maltratada, “ficou muito mais destruída depois que começou a ser usada como moradia”.

Já as pessoas que moram na escola, em sua maioria, desconhecem qual foi inicialmente a função do prédio. Somente um deles, José Dorelawne de Aguiar, cobrador da TCB, diz que já ouviu falar que lá funcionou uma escola, a primeira de Brasília. Mas o que ele teme mesmo é que a Fundação Zoobotânica resolva tirar todo pessoal de lá, “porque isso aqui é bom, tem luz, água e a gente não paga aluguel!”.

Para morar na escola Sarah Kubistchek as pessoas sabem o caminho: se houver vaga é



Roque Sá

A Escola Sarah Kubistchek está abandonada e corre o risco de desmoronar, ferindo os seus ocupantes

procurar o “Cabo Velho”. Funcionário da Zoobotânica, o “Cabo Velho” diz que não pode dar nenhuma informação, mas adianta que sua função é tão-somente zelar para que nenhum dos moradores do local deixe “aquilo pegar fogo ou ser destruído”. Mas se chega alguém com a família e ele vê “encostado num pau de árvore”, não tem dúvida: “Autorizo o pobre coitado a morar na casa”.

A construção, hoje, pouco lembra uma escola: madeiras caindo, varais no pátio e no in-

terior das antigas salas, cercas de madeira improvisadas. Para as famílias que lá moram, no entanto, é um teto.

“A situação deles não é diferente da nossa”, lembra Sebastião Ferreira da Silva, que frisa, no entanto, “que enquanto eles estão chegando por aqui agora, nós somos pioneiros e até hoje não conseguimos comprar uma casa e nem ao menos podemos consertar nossos barracos, porque a Fundação Zoobotânica não deixa nem que a gente pregue uma tábua”.